



Análise sociolinguística da regência dos verbos de movimentos no livro didático de língua portuguesa

Sociolinguistic analysis of the regency of movement verbs in portuguese language textbooks

Vitória Ize Souza Pereira¹
Manoel Crispiniano Alves da Silva²

RESUMO: Objetivamos, com este trabalho, analisar a abordagem dada à regência dos verbos de movimento no livro didático de Língua Portuguesa do 3º ano do Ensino Médio, a fim de verificar se os usos característicos do Português Brasileiros (doravante PB) são reconhecidos como legítimos por esses materiais didáticos. Para desenvolver esta investigação, utilizamos, como referencial teórico, os postulados da Sociolinguística Educacional (Bortoni-Ricardo, 2005), bem como os trabalhos de Bagno (2003, 2007, 2013), Mattos e Silva (2004), Faraco (2008), a BNCC (Brasil, 2018), entre outros, pois tratam da relação entre variação linguística e ensino. O *corpus* desta investigação é constituído pelas seções que tratam dos verbos de movimento no livro didático de Língua Portuguesa do Ensino Médio de autoria de Wilton Ormundo e Cristiane Sinicalchi, aprovado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) no ano de 2021 e publicado pela editora Moderna. Em síntese, foi possível identificar alguns avanços na obra analisada, pois os autores reconhecem a produtividade da preposição “em” regendo verbos de movimento, como uma variante característica da realidade sociolinguística brasileira. Entretanto, entram em contradição afirmando que o vocábulo “em” é utilizado apenas em situações de informalidade.

Palavras-chave: Verbos de movimento; Livro didático; Sociolinguística Educacional.

ABSTRACT: The aim of this study is to analyze the approach given to the governance of verbs of movement in the Portuguese Language textbook for the 3rd year of High School, investigating whether the characteristic uses of Brazilian Portuguese (hereinafter BP) are recognized as legitimate by these teaching materials. In this sense, to develop this investigation, we used, as a theoretical framework, the postulates of Educational Sociolinguistics (Bortoni-Ricardo, 2005), as well as the works of Bagno (2003, 2007, 2013), Mattos and Silva (2004), Faraco (2008), the BNCC (Brazil, 2018), among others, as they deal with the relationship between linguistic variation and teaching. The corpus of this research is the Portuguese Language textbook for secondary education written by Wilton Ormundo and Cristiane Sinicalchi, approved by the National Textbook Program (PNLD) in 2021 and published by Moderna. In summary, it was possible to identify some advances in the work analyzed, as the authors recognize the productivity of the preposition “em” governing verbs of movement, as a characteristic variant of the Brazilian sociolinguistic reality. However, they contradict themselves by stating that the word “em” is used only in informal situations.

Keywords: Textbook; Verbs of movement; Educational Sociolinguistics.

¹ Licenciada em Letras pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: 2015souzassouza2015@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5764-0321>

² Aluno do Doutorado em Estudos Linguísticos, na Universidade Estadual de Feira de Santana. Professor da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: manuelalves1996@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1310-1535>.



Introdução

Na língua portuguesa, o verbo "ir" é frequentemente usado para expressar movimento. Em algumas normas, esse vocábulo verbal pode ser combinado com diferentes preposições, como "a", "para", "em" ou "até". Essa alternância está relacionada à situação de uso. No entanto, a tradição gramatical não legitima o uso da preposição "em" para indicar movimento, argumentando que outras preposições, a exemplo de "a" ou "para", seriam mais apropriadas nesse ambiente sintático.

Tendo como base as ideias apresentadas por gramáticos tradicionais da língua portuguesa, podemos observar que eles prescrevem apenas as preposições "a" e "para" para reger verbos de movimento, a exemplo do "ir", "chegar" e "levar". À vista disso, Bechara (2009, p. 573) diz que "chegar (-se) a (não em junto à expressão de lugar)". Consonante isso, Cunha e Cintra (2008) atribuem significações para essas preposições, conforme pode ser visualizado no exposto a seguir:

A relação que se estabelece entre palavras ligadas por intermédio de preposição pode implicar movimento ou não movimento; melhor dizendo: pode exprimir um movimento ou uma situação daí resultante. Nos exemplos atrás mencionados, a ideia de movimento está presente em: Vou a Roma (Cunha; Cintra, 2008, p. 570).

Diante do exposto, percebemos que alguns gramáticos da língua portuguesa não legitimam o uso da preposição "em" para indicar movimento. Eles defendem que as preposições "a" e "para" são mais apropriadas para esse fim, considerando a direção ou o destino do deslocamento. Essa perspectiva é baseada em uma interpretação mais tradicional das regras gramaticais da língua portuguesa. No entanto, é importante ressaltar que, segundo Bechara (2009),

Cabe à gramática normativa, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos reconhecidos como modelares para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio (Bechara, 2009, p. 52).

Tendo isso em vista, vale pontuar que as pesquisas linguísticas têm mostrado que a preposição "em" é a predileta no PB e, paulatinamente, a variante "a" tem caído em desuso, em especial no português popular (Assis, 2009, 2012; Jesus, 2012; Batista; Lopes, 2020, Silva; Araújo; Santiago, 2022, entre outros). Isso mostra que a língua é heterogênea e sofre evoluções ao longo do tempo, e o uso da preposição "em" para indicar movimento é comum em diversas situações de fala e escrita do PB contemporâneo.



No bojo dessa discussão, o que se observa nos estudos sociolinguísticos é o crescente desuso de “a” em detrimento de “em” e “para”, até em contextos mais formais (Rodrigues; Freitag, 2021). Porém, ainda existem debates entre linguistas e defensores da norma-padrão da língua portuguesa. Em análise realizadas por Citeli e Tesch (2021), com base em entrevistas do PortVix, foi constatado o crescente uso da preposição “em” regendo o verbo “ir”, conforme exposto:

Os resultados nos mostraram que a preposição para obteve a maior frequência de uso nas entrevistas analisadas do PortVix, com 50% dos dados, enquanto a preposição em obteve frequência de 42.2%, o que também demonstra um comportamento interessante em relação ao uso desta preposição, visto que é tida pelas gramáticas normativas como a forma não-padrão. Já a preposição a, recomendada pelas gramáticas normativas como regente do verbo de movimento ir, obteve frequência de apenas 7.8% em toda a amostra, o que indica que esta preposição está sendo usada cada vez menos pelos moradores desta comunidade (Citeli; Tesch, 2021, p. 21).

Portanto, o aumento do uso da preposição “em” para indicar movimento, mesmo em situações formais, evidencia que não podemos tratar o uso dessa variante de forma estereotipada, isto é, como aquela forma que é utilizada em situações informais. A pesquisa mostra que essa preposição já faz parte da realidade sociolinguística brasileira, sendo produtiva, também, no comportamento linguístico dos segmentos letrados da sociedade.

Nesse cenário de discussão, vale pontuar que os livros didáticos (LD) têm um papel fundamental na implementação das diretrizes educacionais, visto que é um importante recurso didático e, em muitas escolas brasileiras, o único material que o professor tem à sua disposição. À vista disso, sabendo da inegável importância do LD, são necessárias pesquisas que analisem esses materiais didáticos.

Nesse sentido, este trabalho se fundamenta nos pressupostos da Sociolinguística Educacional (Bortoni-Ricardo, 2004, 2005). Esse ramo foi escolhido por trazer reflexões sobre como tratar, pedagogicamente, o fenômeno da variação linguística em sala de aula.

Sendo assim, com esta pesquisa, buscamos responder à seguinte questão: Os livros didáticos reconhecem a preposição inovadora “em” como característica do PB para reger os verbos de movimento? Para essa questão, aventamos a hipótese de que o material didático analisado ainda continua pautado unicamente pela gramática normativa, reconhecendo as preposições “a” e “para” como as únicas que regem os verbos de movimento.



Com base no exposto, este trabalho objetiva analisar a abordagem dessa preposição no livro didático de Língua Portuguesa de Ensino Médio de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi e investigar se os usos comuns no PB são legitimados no livro em questão.

O presente artigo estrutura-se em 07 seções. Além dessa seção introdutória, na 02, apresentam-se considerações a respeito da BNCC e o ensino de língua portuguesa. Na 03, são feitas ponderações acerca do livro didático. Na 04, são sistematizados estudos a respeito das preposições locativas no PB. Na seção 05, é apresentada a metodologia utilizada para desenvolver a pesquisa. Na 06, são feitas reflexões e análise dos resultados. Na 07, estão expostas as considerações finais.

Breves reflexões críticas sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

A BNCC é um documento que estabelece conhecimentos, habilidades e competências que estudantes da educação básica devem desenvolver ao longo da trajetória escolar. Esse ato normativo orienta a elaboração de currículos escolares e práticas pedagógicas, fornecendo um referencial comum para definir objetos de aprendizagem considerados essenciais para toda a educação básica.

Além disso, a BNCC constitui um documento que orienta a formação continuada de professores, baseando-se nos eixos de conhecimento, prática e engajamento. Ademais, serve de apoio para elaboração de recursos didáticos. À vista disso, vale analisar qual é a concepção de língua assumida por esse documento e as recomendações para o trabalho com a metalinguagem.

Para Bunzen (2020), a BNCC é decorrente de vários outros documentos anteriores, dentre os quais podem ser citados a Constituição Federal (1988), a Lei de Diretrizes e Bases (1996), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1997, para o ensino Fundamental I e, em 1998, para o Fundamental II e, em 2010, as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Assim como os PCNs, a BNCC entende a língua como prática socio-interacional e sugere que o trabalho com a língua seja sempre pautado nos usos e na reflexão sobre esses usos e não pautado na memorização e na classificação das unidades da língua.

Para a BNCC, é papel da escola combater o preconceito em relação a algumas variedades dialetais do PB, promovendo o respeito à diversidade linguística. Para tanto, “[...] e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar [...]” (Brasil, 1998, p. 26). Em razão disso, torna-se relevante analisar como



fenômenos linguísticos em variação são tratados nos materiais didáticos que são distribuídos nas escolas brasileiras.

Segundo a BNCC, o texto deve assumir a centralidade nas aulas de Língua Portuguesa. Desse modo, o ensino de LP não pode ser pautado pelas classificações e pelas nomeações das unidades linguísticas de forma descontextualizada.

Com base nisso, é importante saber que tal proposta traz o texto, em suas múltiplas materialidades, como principal recurso das aulas de Língua Portuguesa. Esse está relacionado ao contexto de produção e visando à ampliação das práticas de leitura/escuta, produção de texto em várias mídias e semioses e à oralidade. Sendo assim, o aluno terá maior potencial para ler, compreender e produzir textos ligados aos mais diferentes contextos e usos da língua.

A aula de Língua Portuguesa deve pautar-se no ensino de três eixos de forma interligada: leitura de textos, produção textual e análise linguística. Sob esse olhar, a BNCC do Ensino Fundamental e do Ensino Médio sugere que o ensino de Português seja organizado em quatro eixos, denominados de “Prática de linguagem”, que são: 1) Oralidade; 2) Leitura e escuta; 3) Produção (escrita e multissemiótica) e 4) Análise linguística e semiótica (Geraldi, 2012)

Mendonça (2019), ao analisar a BNCC dos anos finais do Ensino Fundamental, aponta uma divergência entre a concepção e as habilidades desse documento ao tratar das atividades de análise linguística. Isso porque é muito frequente aparecer como habilidade a ser desenvolvida a identificação, em textos lidos, de aspectos gramaticais. Nos objetivos de extração de informações, constata-se a existência de verbos como “identificar”, “reconhecer” e “compreender”, evidenciando resquícios de um ensino centrado em uma perspectiva estruturalista.

Em vista disso, o trabalho orientado pela BNCC no que diz respeito à análise linguística torna-se um entrave para o educador da educação básica, pois, apesar da noção de língua adotada, as habilidades desse eixo baseiam-se em um viés formalista que fragmenta esse trabalho com as práticas de oralidade, de produção textual (escrita e multissemiótica) e a leitura. Sendo assim, é necessário que os professores compreendam o ensino de Língua Portuguesa não apenas como a identificação e a nomeação das unidades da língua, mas em uma perspectiva funcionalista, que leve em consideração a língua em uso.

Destarte, diante do exposto, fica claro que, desde os PCN e agora com a BNCC, a concepção de língua adotada por esses documentos norteadores é a dialógica, sociointeracionista, não devendo o ensino considerar a língua com fim em si mesma. Por isso,



busca-se analisar qual é a concepção de língua assumida pelos livros didáticos, analisando, para isso, o caso da variação no uso das preposições locativas que regem verbos de movimento.

O livro didático de língua portuguesa: breves reflexões

O livro didático costuma seguir as diretrizes curriculares estabelecidas, fornecendo um embasamento consistente para o desenvolvimento das habilidades e das competências esperadas em cada etapa do ensino. Ele também pode ser uma fonte confiável de informações, ajudando os estudantes a aprofundar seu conhecimento sobre determinado tema.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do Ministério da Educação (MEC) analisa e distribui livros didáticos a instituições públicas da educação básica. Antes de chegar ao ambiente escolar, os livros didáticos escolhidos pelas instituições de ensino passam por análises criteriosas por comissões técnicas compostas por especialistas de todas as áreas de conhecimento relacionadas.

No que diz respeito ao fenômeno da variação linguística, Bagno (2007, 2013) investigou de que modo os materiais didáticos tratam esse fenômeno. Com essa investigação, o autor constatou, ao analisar 96 livros do Ensino Fundamental e Médio, que a heterogeneidade ainda não recebe o tratamento ideal, tendo em vista que esse fenômeno ainda é trabalhado de forma estereotipada.

Esperamos que o livro didático traga inovação, sobretudo no que diz respeito ao que a gramática tradicional preconiza como correto ou incorreto. Entretanto, segundo Bagno (2007) as variações linguísticas, por exemplo, são apresentadas nas obras didáticas de maneira folclorizada e superficial. É como se o fenômeno se manifestasse apenas em pessoas residentes da zona rural ou menos escolarizadas. À vista disso, as atividades solicitando a correção de variações encontradas em obras, como poemas de Patativa do Assaré, tirinhas de Chico Bento, levam o aluno a concluir que a língua é homogênea e que as variações são desvios a serem corrigidos.

Além disso, em relação aos casos de variação no nível morfossintático, o autor constatou uma lacuna entre a prescrição gramatical e a realidade sociolinguística brasileira, visto que esses fenômenos não são vistos como “erro”, mas como “informais”. Isso precisa ser revisto, posto que, a exemplo da variação no uso das preposições locativas, as variantes não preconizadas pela norma-padrão são utilizadas, inclusive, em situações formais (Rodrigues; Freitag, 2021), fato que mostra que tratar fenômenos linguísticos variáveis como formas que devem ser utilizadas em situações formais não se sustenta empiricamente, pois a



heterogeneidade linguística, por ser a realidade de toda língua, faz parte do comportamento linguístico de todos os segmentos sociais.

No bojo dessa discussão, o professor precisa trabalhar com gêneros orais e escritos diferentes, principalmente aqueles que exigem maior monitoramento estilístico, de modo a compreender se determinados usos são “informais”, de fato, ou já fazem parte do comportamento linguísticos dos brasileiros, sobretudo os letrados, a exemplo dos casos de regência e de colocação pronominal.

Ademais, Jurado e Rojo (2006), por meio de uma análise de livros didáticos de língua portuguesa do Ensino Médio, constata que a maior parte desses exemplares são destinados ao ensino de literatura, seguida do trabalho com a metalinguagem e a produção textual. No entanto, as autoras asseveram que não há espaço para a sistematização da literatura que os alunos produzem e leem em outras agências de letramento fora do ambiente escolar.

Desse modo, as autoras concluem que o foco é a pedagogização da literatura, pois não há atividades de sugestão de leitura para apreciação da beleza estética. Nas obras analisadas, são apresentadas questões como o contexto histórico, literário, as características da escola literária e os principais nomes de cada estética. Portanto, nota-se que o foco das práticas de leitura do texto literário não é a formação de leitores literários, visto que os textos são adotados como pretexto para trabalhar conceitos, sejam gramaticais, sejam literários.

Pinheiro (2006) analisa o livro didático, volume único, de autoria de Cereja e Magalhães em duas edições, e constata que os exemplares possuem um modelo padrão quanto ao trabalho com a leitura, predominando a leitura do cânone literário. Os textos literários são apresentados, em regra, de forma fragmentada, para serem trabalhados as características da estética.

Logo, concluímos que os livros didáticos possuem qualidade, no entanto apresentam lacunas que precisam ser, constantemente, avaliadas para que o professor, que esteja em sala, possa identificá-las e supri-las no seu fazer pedagógico. À vista de todas as falhas mencionadas, analisaremos como o livro trata do fenômeno da variação no uso das preposições locativas, verificando a concepção de língua assumida por esses materiais.

A variação nas preposições locativas no português brasileiro: da prescrição ao uso

Conforme dito anteriormente, Bechara (2008) prescreve que, com verbos que indicam lugar, se deve utilizar a preposição “a” e não “em”. De forma similar, Almeida (1999, p. 337) afirma “não devemos usar a preposição *em* com verbos de movimento, porquanto *em* indica



lugar onde”. Na percepção de Costa (2003, p. 01 *apud* Pinheiro, 2014, p. 16), há outra perspectiva:

As regras da regência verbal determinadas pela gramática prescritiva parecem estar caindo em desuso na comunidade linguística do Brasil, especialmente na fala [...]. É possível, portanto, no que tange à regência verbal, considerar a possibilidade de aquilo ditado pela gramática estar sofrendo variação [...] ou até estar caminhando para uma mudança.

Sob esse viés, pesquisas desenvolvidas em diferentes partes do Brasil revelam que a preposição “em” tem ganhado espaço no PB. Mollica (1996) utilizou o *Corpus Censo* para realizar pesquisa com falantes do Rio de Janeiro acerca das preposições usadas na regência do verbo “ir”. A autora constata que fatores sociais, como escolaridade, idade e ocupação funcional, foram determinantes para o uso de cada preposição e concluiu que pessoas com nível médio completo e mais idosas, sobretudo mulheres, utilizam muito o que é prescrito pela gramática. No entanto, a incidência da preposição “em” é bastante alta, principalmente no público masculino, inclusive aqueles que possuem maior escolaridade.

Citelli e Tesh (2021) analisam quais os contextos em que ocorre o uso de cada preposição (‘a’, ‘para’, ‘em’) com falantes de Vitória – ES e compararam com outras regiões do Brasil. Para realizar a pesquisa, foram considerados fatores socioculturais, como gênero, faixa etária e escolaridade, e fatores linguísticos, a exemplo de configuração de espaço, grau de definitude, finalidade e narratividade do discurso. Com base nos dados coletados da amostra Portivix, há uma predominância da preposição “para”, seguida da preposição “em”, que também apresentou grandes números de ocorrências mesmo não tendo seu uso prescrito pelos gramáticos tradicionais.

Além disso, as autoras mostram que quanto maior a escolaridade/ idade maiores são os índices de uso das preposições “a” e “para”, tidas como padrão. Por outro lado, a incidência da preposição “em” também é alta em homens com maior escolaridade. Os dados coletados em João Pessoa – PB mostram a preferência do uso da preposição “a”, no entanto esta tem perdido espaço no PB para a preposição “em”, tida como não padrão.

É sabido que a propagação das mudanças ocorridas na língua tem relação com a maneira como a sociedade recebe tais mudanças. Em regra, as pessoas tentarão seguir o modelo do que é prescrito por gramáticas tradicionais. Porém, o que é prescrito nem sempre condiz com a realidade falada. Com base em estudos realizados, Rodrigues e Freitag (2021) afirmam que, apesar da formalidade, observa-se o crescente o desuso da preposição “a”. Os falantes têm optado, inclusive em situações formais, pelo uso da preposição “em”.



Embasados na perspectiva dos estudos sobre contato linguístico e no arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística de base laboviana, Silva, Araújo e Santiago (2022) estudam a variação das preposições locativas *a*, *para*, *em* e *até* que regem os verbos de movimento *chegar*, *levar*, *vir* e *voltar* no português falado em duas ex-colônias portuguesas, a saber: Luanda, capital de Angola, e Barra-Bananal, uma comunidade remanescente de quilombos, situada no município de Rio de Contas, na região da Chapa Diamantina no estado da Bahia, respectivamente, representantes do Português Angolano (PA) e do PB.

Para tanto, utilizam dois *corpora* linguísticos, o primeiro pertencente ao banco de dados do projeto “Em busca das raízes do Português Brasileiro-Fase III” e o segundo ao projeto “A Língua Portuguesa no Seminário Baiano”, ambos sediados no Núcleo de Estudo em Língua Portuguesa (NELP) da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Assim, os resultados alcançados mostram que há uma mudança implementada na comunidade de Barra/Bananal, visto que preposições canônicas *a* e *até* não regem os verbos de movimento analisados. Em relação à Luanda, apesar de essa comunidade de fala apresentar um perfil sociolinguístico diferente, por ser uma variedade urbana, a preposição *em* e *para* foram as que apresentaram maior frequência de uso.

Em síntese, com os resultados aqui sistematizados, concluímos que há um crescimento do uso da preposição “em” regendo verbos de movimento nas diferentes normas da realidade linguística do Brasil. Isso evidencia o hiato que há entre a prescrição e o uso, mostrando que “Lidar com língua, pois, é lidar com variação” (Callou, 2016, p. 20).

Metodologia

Com base na relevância do livro didático na educação básica, buscamos utilizar, como objeto de estudo, os capítulos que tratam da variação no uso das preposições locativas do exemplar intitulado “Se liga nas linguagens Português” de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, volume único, aprovado pelo PNLD em 2021, destinado ao Ensino Médio. Nele será analisado se as preposições que regem os verbos de movimento e se os usos do PB são legitimados. Portanto, esta pesquisa caracteriza-se por apresentar uma abordagem qualitativa.

Esse livro é organizado em 32 capítulos. Neles são trabalhados tópicos referentes à Literatura e à Linguística (intitulada Análise Linguística/Semiótica). O *corpus* da pesquisa é o capítulo de número 28 (Predicados, objetos, predicativos e adjuntos adverbiais), escolhido por ser o único que trata a respeito da regência dos verbos que indicam movimento.

Quanto ao livro didático em questão, esse foi adotado por ser utilizado pela autora deste trabalho durante a realização do seu estágio supervisionado na rede estadual de ensino de Santo Antônio de Jesus-BA, o que tornou o acesso a esses materiais mais facilitado.

Para realizar esse estudo, utilizamos como os pressupostos da Sociolinguística Educacional. (Bortoni-Ricardo, 2005) afirma que essa área consiste na promoção da competência linguística e comunicativa daqueles que não são submetidos às variedades de prestígio da língua materna no núcleo familiar.

Análise e discussão dos resultados

Ao analisar a obra, observamos que, para introduzir o tópico de “Regência verbal”, os autores utilizaram como suporte uma tirinha que discute o verbo assistir. Ela é utilizada para afirmar que a linguagem coloquial, usada em situações não monitoradas, não caracteriza desvio grave. Entretanto, em situações formais, as pessoas devem ter mais cuidado.

Figura 1 – Web quadrinho



Fonte: Ormundo; Siniscalchi (2020, p. 270)



Ademais, essa tirinha é seguida por este texto:

Figura 2 – Texto explicativo da imagem 1

O webquadrinho revela que nem sempre os falantes empregam as construções fixadas na norma-padrão, sobretudo nas comunicações menos monitoradas. No uso cotidiano da língua, mesmo nas variedades urbanas de prestígio, observam-se outras construções, especialmente nos casos em que a ausência de uma preposição ou seu uso indevido não interferem na produção do sentido nem são percebidos como desvios graves. Já nas situações de maior monitoramento, principalmente na escrita, há cuidado na mobilização das regras previstas pela norma-padrão.

A seguir, você estudará alguns verbos que apresentam detalhes em sua regência. A descrição do uso conforme a norma-padrão é seguida por comentários acerca do emprego na linguagem cotidiana, menos monitorada. A opção por um ou outro uso deve considerar sempre o critério **adequação linguística**.

Fonte: Ormundo; Siniscalchi (2020, p. 270)

À vista disso, notamos que esse livro está em consonância com o que apregoa a BNCC, posto que reconhece a língua como uma realidade heterogênea. Ao trabalhar com a noção de adequação linguística, o livro estimula nos alunos a compreensão de que a língua não é homogênea e unitária, mas variável, devendo o falante adequar o seu repertório linguístico ao seu interlocutor e à situação sociocomunicativa.

Com base no trecho analisado, observamos que os autores reconhecem as variações que caracterizam a realidade sociolinguística do PB. Eles afirmam que os verbos a serem analisados, dentre eles o verbo “ir” e “chegar”, serão apresentados de acordo com a norma-padrão, todavia também serão explicitadas situações de uso no cotidiano.

Nesse contexto, os autores praticam uma “[...] pedagogia voltada para o todo da língua e não para algumas partes de suas formas, decerto socialmente privilegiada” (Mattos e Silva, 2004, p. 35) e isso tem como consequência levar o

[...] o indivíduo, desde o momento em que começa a refletir sobre a língua- o que se processa desde a alfabetização -, ter consciência de que sabe falar a língua que fala todo dia, mas que precisa saber mais sobre ela e que esse saber pode crescer com ele por toda a sua vida (Mattos e Silva, 2004, p. 35).

A obra segue o prescrito pela gramática normativa, todavia reconhece que a preferência dos falantes brasileiros tem sido a preposição “em” na regência dos verbos de movimento, conforme exposto a seguir:

**Figura 3:** Verbos de movimento**chegar, ir**

(VI, circunstância de lugar introduzida por *a*): ***Chegou ao colégio mais cedo hoje. Fui ao cinema ontem.***

Nas comunicações menos monitoradas, os falantes brasileiros têm optado pela preposição *em* para introduzir a circunstância de lugar: ***Cheguei em casa cansado.***

Fonte: Ormundo; Siniscalchi (2020, p. 271).

Diante do exposto, notamos um avanço, porque o livro não desconsidera o fato de a língua ser heterogênea: “[...] nem sempre os falantes empregam as construções fixadas na norma-padrão [...] no uso cotidiano da língua, mesmo nas variedades urbanas de prestígio, observam-se outras construções [...]” (Ormundo; Siniscalchi, 2020, p. 270).

Sob esse viés, além de reconhecer a língua como uma realidade heterogênea e variável, o livro sinaliza que há uma diferença entre a norma-padrão, subjetiva, idealizada, e a norma objetiva efetivamente usada pelos segmentos letrados da sociedade. Essa diferenciação é importante, posto que mostra ao estudante o caráter artificial da norma-padrão.

Entretanto, os autores entram em contradição quando colocam a regência da preposição locativa “em” como usada em situações informais, “Nas comunicações menos monitoradas, os falantes brasileiros têm optado pela preposição *em* para introduzir a circunstância de lugar [...]” (Ormundo; Siniscalchi, 2020, p. 271). No entanto, Wiedemer (2008) afirma que:

Há diferentes fenômenos atuando sobre a regência do verbo *ir* de movimento: (i) há um processo de mudança em andamento com recuo gradativo da preposição *a* (conforme atestado em estudos de caráter histórico) e concomitante expansão de uso das preposições *para* e *em* [...] (Wiedemer, 2008, p.126).

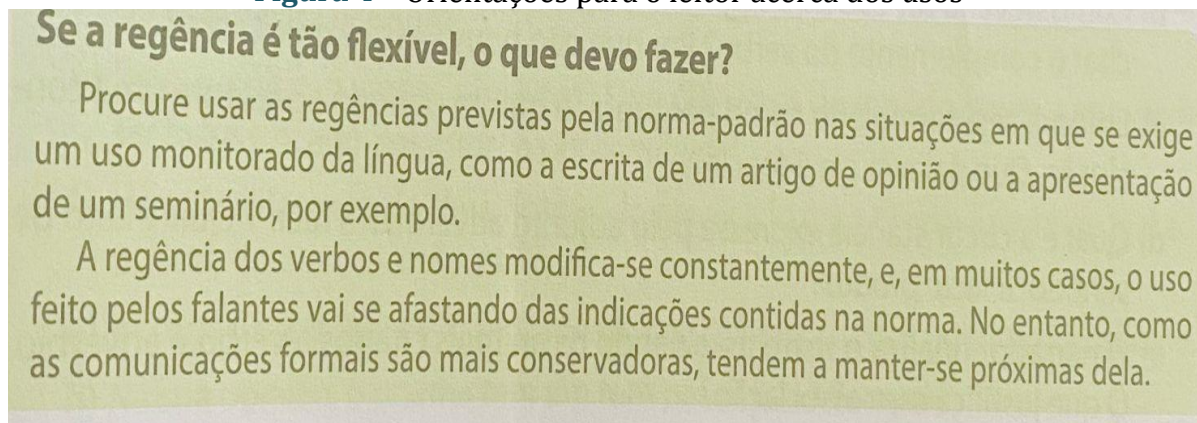
Dessa forma, é importante que os materiais didáticos reconheçam os processos de variação e mudança ocorridos no PB. Isso perpassa por reconhecer o aumento do uso da preposição “em”, evitando associá-la exclusivamente à informalidade.

Reconhecer as variações ocorridas na língua portuguesa é relevante, pois reflete a dinamicidade e a evolução natural da língua ao longo do tempo. Além disso, contribui para a valorização da diversidade linguística, o respeito às variações regionais e sociais, é relevante, também, na compreensão das novas formas de expressão que surgem na comunicação

contemporânea. Ademais, o reconhecimento da heterogeneidade linguística possibilita a construção de uma “pedagogia do todo da língua”, como propõe Mattos e Silva (2004).

Em outras palavras, compreendemos que, apesar dos avanços visualizados, trazer os usos consagrados da realidade sociolinguística brasileira, inclusive pelos segmentos letrados da sociedade, como fenômenos que são usados apenas em situações informais, é tratar de forma estereotipada a variação linguística. Isso fica evidente neste trecho a seguir:

Figura 4 – Orientações para o leitor acerca dos usos



Fonte: Ormundo; Siniscalchi (2020, p. 271)

Outra diferença que merece ser ressaltada é a utilização de “variedades de prestígio” em detrimento de “norma culta”. Consideramos essa distinção relevante, posto que a norma culta “[...] não perdeu ainda entre nós seu defeito de origem – ou seja, continua recoberta por uma aura elitista que se materializa na norma curta [...]” (Faraco, 2008, p. 59). Em razão disso, os autores preferem, tendo em vista a noção de “culto” que permeia o senso comum, optar por empregar o termo ‘variedades urbanas de prestígio’. Nesse contexto, vale trazer à baila o que afirma Bagno (2003):

Afinal, como nossa problemática toda o que está realmente em jogo não é a língua, propriamente dita, mas sim o prestígio social dos falantes, deixo aqui a sugestão para que a gente passe a tratar de variedades de prestígio ou variedades prestigiadas (Bagno, 2003, p. 65-66).

Desse modo, concluímos também que a obra didática analisada possui uma lacuna no que diz respeito à proposição de questões. Fazer atividade após aprender um conteúdo novo permite que os alunos fixem e consolidem o que foi estudado. Além disso, podem refletir sobre a relevância dos conteúdos e os seus respectivos contextos de uso. Isso porque é, por meio das listas de exercícios, que o docente pode identificar eventuais lacunas no aprendizado, reforçar



conceitos que não foram plenamente compreendidos e adaptar sua metodologia de ensino, conforme as necessidades específicas da turma.

Conclusão

Objetivamos, com este trabalho, analisar o livro de Língua Portuguesa (volume único) utilizado em turmas de nível médio da rede estadual de ensino de Santo Antônio de Jesus-BA. A obra em questão foi aprovada pelo PNLD (2021). O estudo consiste em uma investigação acerca do tratamento das preposições que regem os verbos de movimento, conforme postulados da Sociolinguística Educacional, em especial numa abordagem da Teoria da Variação e Mudança Linguística relacionada ao ensino.

Por meio da revisão da literatura realizada sobre o fenômeno, concluímos que os estudos desenvolvidos com dados do PB confirmam que a regência do verbo ir é condicionada por fatores linguísticos e sociais que atuam na escolha de uma determinada preposição para reger verbos de movimento, como foi apontado por Mollica (1996) e que as variantes “em” e “para” são as mais produtivas.

Ademais, o livro didático analisado já reconhece a realidade falada no PB, que faz uso da preposição “em” para reger verbos de movimento. Contudo, essa variação é tratada de forma estereotipada, à medida que os autores afirmam que esses usos existem apenas em situações de informalidade. Nesse sentido, a hipótese inicialmente levantada de que o livro didático analisado ainda continua pautado unicamente pela gramática normativa, reconhecendo as preposições “a” e “para” como as únicas que regem os verbos de movimento não foi confirmada, visto que se nota um avanço na obra analisada, quando esta também reconhece a existência e o uso da preposição “em” regendo verbos de movimento.

Assim, concluímos que, ao afirmar que a preposição “em” é utilizada em situações informais, os autores negligenciam o fato de que “a preposição “em”, apesar de ser reconhecida gramaticalmente como a forma não padrão, tem seu uso cada vez mais frequente” (Citéli; Tesh; 2021). Sendo assim, existe uma necessidade de reestruturação dos materiais didáticos e do ensino de LP de modo que a variação linguística seja reconhecida como um fenômeno inerente à língua e que faz parte da identidade dos falantes brasileiros.



REFERÊNCIAS

- AFONSO, Horácio João Fernando. **Regência dos verbos de movimento/ um estudo comparativo entre o português de Angola e o português europeu**. 2020. 95f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade do Minho. Braga, 2020.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes. **Gramática metódica da língua portuguesa Napoleão Mendes de Almeida**, 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- ANJOS, Marcelo Alessandro Limeira dos; TORRES, Maria de Jesus Medeiros; SILVA, Rodrigo Alves. Ensino de gramática e BNCC: uma abordagem pedagógico-historiográfica. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 7575-7592, 2022.
- ASSIS, Telma Souza Bispo. A atuação das variáveis linguísticas na regência dos verbos de movimento no português afro-brasileiro. **PAPIA**, Brasília-DF, v.19, p. 39-49, 2009.
- ASSIS, Telma Souza Bispo. **A regência variável dos verbos de movimento no português popular do interior do estado da Bahia**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.
- BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos**: a variação linguística no ensino de português. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BATISTA, Marli Pereira; LOPES, Norma da Silva. Variação na regência do verbo ir (de movimento) em Salvador. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, n. 76, p. 26, 2020.
- BORTONI-RICARDO, S, M; SILVA, K, A, da. Sociolinguística educacional: uma entrevista com Stella Maris Bortoni-Ricardo. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, SC, v. 22, n. 1, p. 219-231, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/kRzvKkTfvHwYd7tmmCkr7PM/>. Acesso em: 29/06/2024.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?**: Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** (versão final), 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomumcurricular.mec.gov.br>. Acesso em 12/06/2024.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CALLOU, Dinah. Gramática, variação e normas. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Org.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 13-29.



CITELI, Bárbara Gomes; TESCH, Leila Maria. A regência variável do verbo de movimento *ir* na fala capixaba: o comportamento dos fatores extralinguísticos. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 222-244, 2021.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Angola, 2012.

JURADO, Shirley; ROJO, Roxane. A leitura no ensino médio: o que dizem os documentos oficiais e o que se faz? In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 37-55.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português são dois**: novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MOLLICA, Maria Cecília. A regência variável do verbo *ir* de movimento. In SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Org.) **Padrões sociolingüísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 149-167.

MUNAKATA, Kazumi. Livro didático como indício da cultura escolar. **Hist. Educ. (Online)**, Porto Alegre, v. 20, n. 50, p. 119-138, 2016.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga nas linguagens**: Português. São Paulo: Moderna, 2020.

PINHEIRO, Regina Cláudia. A regência do verbo *ir* de movimento por falantes cultos de Fortaleza – CE. **Linha D' Água**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 55-72, 2014.

PINHEIRO, Hélder. Reflexões sobre o livro didático de literatura. In BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

RODRIGUES, Fernanda Gabrielle Costa; FREITAG, Raquel Meister Ko. Padrões de preposições em complementos locativos de verbos de movimento. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 19, n. 4, p. 133-156, 2021.

SILVA, Manoel Crispiniano Alves da Silva; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; SANTIAGO, Huda da Silva. Um estudo contrastivo da variação das preposições locativas no português falado em Luanda-Angola e em Barra/Bananal-BA: um olhar sociolingüístico e sócio-histórico. In ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; LACERDA, Mariana Fagundes de Oliveira; PAIM, Marcela Moura (Org.). **Variação e mudança na língua portuguesa**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2022.

WIEDEMER, Marcos Luiz. **A regência variável do verbo *ir* de movimento na fala de santa Catarina**. 2008. 140f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa, Florianópolis, 2008.